

Jair D'Aquino

As Quatro Estações da Vida



EDITORA RECANTO das LETRAS

As Quatro
Estações
da Vida

Jair D'Aquino

As Quatro
Estações
da Vida

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Jair D'Aquino

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão: Maciel Salles
Capa: Tiago Oliveira
Diagramação: Michael Vasconcelos
1ª edição – março de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

D'Aquino, Jair
As quatro estações da vida / Jair D'Aquino. --
Sorocaba : Recanto das Letras, 2020.
258 p.

ISBN: 978-85-7142-079-3

1. Ficção brasileira I. Título

20-1396

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

*A Carmen Mussel, meu chamego de 47 anos,
e ao que melhor resultou dele:
nossos filhos Anderson e Christian Ingo.*

Sumário

Prefácio	9
Prólogo	11
Capítulo I – De volta ao passado	15
Capítulo II – Conhecendo Boca Negra	23
Capítulo III – Negociando a posse de Boca Negra	42
Capítulo IV – Os programas de rádio no nosso dia a dia	55
Capítulo V – Os programas de rádio no contexto histórico	61
Capítulo VI – Brincadeira de criança	65
Capítulo VII – A vida com Boca Negra	79
Capítulo VIII – A escola	96
Capítulo IX – Reflexões acerca do racismo	112
Capítulo X – Confusões de <i>Enfant Terrible</i>	115
Capítulo XI – A vida sem Boca Negra	122
Capítulo XII – A fazenda	127
Capítulo XIII – Perigo nas montanhas	137
Capítulo XIV – A construção da União Indústria	145
Capítulo XV – O segredo	152
Capítulo XVI – A igreja	167
Capítulo XVII – Outro segredo	177

Capítulo XVIII – Conflitos emocionais	185
Capítulo XIX – Sequestrando Boca Negra	189
Capítulo XX – Em busca de uma nova identidade	208
Capítulo XXI – O crime	218
Capítulo XXII – Vida que segue	227
Epílogo	246
A carta	253

Prefácio

Ainda que pese o fato de haver sofrido assédios constantes por *bullying* na infância e na pré-adolescência, fenômeno ignorado pelos educadores há sessenta anos e que, hoje, constitui-se em temas de debates frequentes em diversos segmentos da educação, não busco, nesse relato, tratar amarguras ou desencantos vividos. Não obstante, desejo apenas revelar o modo como um brasileiro nascido nos anos 1940 viveu, viu e sentiu o mundo e o Brasil a partir dos anos 1950 até a segunda década do terceiro milênio. Portanto, os casos de *bullying* aqui relatados, a despeito do que possam significar, entram apenas como valor textual, não ensejando, desse modo, quaisquer outras intenções que não sejam as que procurei expor nesta narrativa.

Dado que vivemos em épocas distintas, é possível que esse relato possa causar, em certa medida, alguma estranheza ou perplexidade para aqueles que nasceram depois disso. Embora seja inspirada em fatos, esta história é mera ficção.

Prólogo

Estou plenamente convencido de que o processo de socialização primária das crianças em idade pré-escolar é extremamente importante nessa etapa da vida para que se restrinja unicamente ao ambiente escolar. Sem querer dizer com isso que a escola não possa contribuir decisivamente nesse processo, ou que devamos ignorar o papel lúdico dos programas infantis de televisão. Não obstante, enquanto família, procuramos desenvolver em nossos filhos a prática da leitura, tendo a clara percepção que, sem esse instrumento socioeducativo, a formação do indivíduo como leitor e cidadão crítico se dará sem bases filosóficas sólidas para sustentar uma visão de mundo real, distante da fantasia que permeia a mente do jovem moderno. No seio familiar, na fase da pré-leitura, nossas crianças crescem ouvindo narrativas orais sobre a trajetória da própria família, posto que a concretude da realidade, de algum modo, afeta sua percepção de vida.

Rotineiramente, recebemos nossos filhos e netos nos finais de semana. Durante essas visitas à noite, e especialmente após o jantar, o convívio em família nos proporciona momentos encantadores e de rara felicidade.

É numa dessas ocasiões, depois de narrar com cores bem vivas um dentre tantos episódios da minha infância, que uma das minhas netas, a qual tem dezesseis anos, insiste numa história que sempre reluto em contar. Instigada pelos

episódios que me ouve contar desde pequenina, senta-se ao meu lado, no sofá e, apontando para um envelope pardo que sempre vê sobre uma dunquerque na sala, diz curiosa:

— Vô, o que há nesse envelope que você guarda com tanto zelo? Por que não deixa que ninguém o toque?

Ao que respondo, sem me dar conta de que estou aguçando ainda mais sua curiosidade:

— Sobre o conteúdo do envelope? Bem, é apenas uma carta!

— Uma carta, vô?

— Isso!

— Você nunca me falou dessa carta — contesta, enigmática.

— Conta, vô, a história da carta.

— É uma longa história, você somente compreenderia entendendo todo o cenário da época, querida. É preciso tomar conhecimento de todo o contexto por trás dessa história.

Digo isso tentando demovê-la da ideia de me fazer revelar a história que é muito triste e dolorosa. Mas como sua curiosidade só aumenta, resolvo, então, ceder a esse capricho.

Faço isso talvez como uma forma de exorcizar os fantasmas do passado. Ainda relutante, alego que preciso me concentrar para rememorar as aventuras transcorridas ao longo de quase cinco décadas e que me fizeram guardá-las com tanto carinho.

Um ditado popular diz: “Recordar é viver”. Se uma vez recordando, vivemos, por que não dizer então que recordar

é viver duas vezes? Talvez essa seja a razão pela qual sinto necessidade de reviver contando esta história, certo de que se viver é bom, viver duas vezes é melhor ainda — dependendo, é claro, da vida que vivemos. Quem vive de escrever é escritor; portanto, prefiro reviver contando essa história. Ou será que a conto para viver, dado que, revivendo, vivo? Não sei ainda, talvez descubra ao longo dessa narrativa.

Capítulo I

De volta ao passado

Fecho os olhos. Concentro-me para evocar o mantra que me fará retornar ao passado. Ele apossa-se do meu corpo e do meu espírito. Conservo-me em estado de completo estupor, como se estivesse em transe. Isso provoca alterações no meu comportamento e em minha consciência. Minha alma parece abandonar o corpo. Sinto a completa ausência da gravidade. Meu corpo flutua. Uma infinita latência me transporta de volta ao passado. Entro num túnel espaço-temporal que se afunila à medida que caminho através dele. Vejo milagrosamente o tempo recuar. Minha cabeça rodopia como um pião a uma velocidade estonteante. O filme da minha vida começa a rodar.

Contudo, a maioria dos eventos transcorridos anterior aos onze anos recusa-se, contra minha vontade, a incorporar-se a esse ritual de passagem. É como se o meu subconsciente dissesse: “Ah, esses momentos não! Os mais doces e belos, os mais envolventes e encantadores, aqueles repletos de ternura, encantamento e carinho guardarei para sempre no lugar mais secreto do meu coração”. Acontecimentos há muito esquecidos se apresentam nitidamente em ordem cronológica. Eles aparecem como flashes. Dezenas por segundo.

Assim que começam a desacelerar, me dou conta que alguma coisa mudou em mim. Na galeria das minhas recordações, esse filme, que jazia oculto, adormecido há tantos anos no esquecimento e que agora meu cérebro, aguçado de tanto estímulo e excitação deseja ressuscitar, apresenta-se de forma clara e viva. Não preciso de esforço algum para evocar imagens ou acontecimentos passados.

— Nando! Nando, acorda! Dormiu a tarde toda! —
Minha mãe me puxa e me sacode pela manga da camisa.
— Desse jeito não vai ter sono à noite. Lembre-se de que amanhã precisará acordar bem cedo!

Acordo suando em bicas, com uma terrível enxaqueca. Um esquálido odor de ozônio difunde-se pelo ar. Um forte temporal abateu-se sobre a pequena vila de operários onde residimos. Esfrego os olhos para espantar o sono. Diante de mim, um relógio cuco ao lado de um quadro de São Jorge assinala exatamente 18h. Estamos no dia 31 de dezembro de 1957.

Depois de um dia de abrasante calor, a tormenta que se forma no céu escurecido pela ausência do sol é para mim um sinal de mau agouro. Daqui a quatro meses será o meu décimo segundo aniversário. As festas natalinas, como sempre repletas de um encanto todo especial, suscitadas pela cabeça de um menino de onze anos, tinham sido maravilhosas. Estou radiante de felicidade. Finalmente chegaram as férias escolares!

Ao anoitecer, a escuridão do céu é iluminada, além das estrelas, por um número extraordinário de relâmpagos. Trovões pipocam no céu a todo instante. Cai a chuva.

Ainda assim, mantenho firme o propósito da pesca para a manhã do dia seguinte. Ao deitar-me, observo grossas gotas de chuva escorrendo pela vidraça da janela do meu quarto. Deito-me de barriga para cima com os braços cruzados atrás da nuca. Ponho-me a meditar. Penso no amanhã. Rezo para que a chuva arrefeça. Sinto uma felicidade indizível me imaginando sentado às margens do rio com os pés balançando na água. A boia da minha linha mordiscada e carregada por aquelas criaturinhas branco-metálicas-tremeluzentes que emergem fisgadas na ponta do anzol. Esse devaneio abaixa a taxa de adrenalina no sangue. Acalentado pela imaginação e pelo barulho da chuva no telhado, adormeço vencido pelo cansaço.

No amanhecer do dia seguinte, uma réstia de luz entra pela janela do quarto e vem acariciar meu rosto. Ainda entorpecido pelo sono, deparo com minha mãe sussurrando algumas palavras quase incompreensíveis ao meu ouvido. Ela abre a janela. A luz do sol inunda o cômodo. Na noite anterior deixei arrumado todo o meu material de pesca. Não conseguindo companhia, decido eu, Nando, pescar sozinho, com a aquiescência dos meus pais. Antes só do que mal acompanhado, penso.

Com muito custo os convenço a me deixarem ir. Minha mãe, sentada numa banquetta de madeira, na cozinha, conversa com meu pai enquanto me apronto. Segura uma caneca fumegante de café esmaltada de fundo branco com motivos florais azuis. Tem um lenço branco sobre a cabeça, costume que as mulheres da sua família herdaram das gerações passadas. Minha mãe só tem 32 anos, contudo, sua pele morena castigada pelo sol lhe dá a aparência de uma velha.

Ela, que reprova minha ideia de solitária pescaria, resmungava recalcitrante:

— Esse menino é muito pequeno para estar sozinho naquele lugar.

Meu pai, absorto, observa fixamente o tempo com um olhar glacial, sem demonstrar emoção alguma. Como um robô que acaba de ser ligado, começa a falar como se estivesse conversando consigo mesmo:

— Não se preocupe, Mariana, o garoto é muito esperto. O lago não oferece perigo algum.

Assim, após retrucar, me faz prometer que eu pescaria somente no lago, próximo às colinas, estando ele certo de que eu não teria êxito para, sozinho, vencer a difícil inclinação da montanha, tampouco descer a encosta para chegar até ao rio, o que seria muito perigoso. Uma pesca solitária não estava em meus planos, mesmo assim continuo com o firme propósito de não desistir dessa ideia concebida há muito tempo. Nunca pesquei sozinho antes. Quase sempre pescava com meu pai ou então com meu amigo Zezinho. É um dos meus programas preferidos.

Meu pai, que deveria pescar comigo, não pode vir dessa vez. Ele está esperando a visita de última hora de um “amigo da onça” que, ontem, em seu ambiente de trabalho, descaradamente se convidou para passar o dia em nossa casa, na festa de Ano-Novo, sabe-se lá por quê. Constrangido, meu pai concedeu uma espécie de honraria a esse homem, aceitando sua visita.

Meu irmão, assim como meus colegas, recusou o programa por simples preguiça, eu acho. Deram as desculpas

mais esfarrapadas: “É muito longe”, disse um; “Será um dia muito quente”, falou outro; ou então: “No primeiro dia do ano, prefiro ficar em casa”, disseram como se tivessem combinado a resposta. Meu melhor amigo, Zezinho, está doente, com gripe asiática. Esta terrível enfermidade tem abalado o mundo dos anos 50¹. Só se fala nela. Tornou-se assunto obrigatório na imprensa escrita e falada. É motivo de debates frequentes nas escolas, igrejas e associações de bairro. Pelas ruas só se vê gente chupando limão. Segundo os médicos, é o que se pode fazer de melhor para conter esse mal. Felizmente ninguém da minha família padeceu desse sofrimento. Portanto, irei pescar sozinho. Conhecendo esse lugar tão bem, não tenho medo algum, visto que já estive aqui em outras ocasiões. Antes de sair, recomendam-me muita prudência.

— As colinas são a sua fronteira, até ali não há nenhum perigo. Não vá além delas em hipótese alguma! Para chegar até o rio, é preciso vencer obstáculos terríveis, os quais podem nos matar, como fendas e poços — alerta meu pai.

Ontem à noite, relataram-me um caso que me deixou intrigado. Contaram que, há dez anos, na pequena vila onde moramos, um pescador que saiu para pescar no rio junto às montanhas nunca mais foi visto. Uma força-tarefa constituída por policiais e experientes bombeiros fez uma varredura em toda a área do local em que julgavam poder encontrar o homem. Não deu em nada. As tentativas de verificar cada fenda e cada poço e até mesmo as buscas ao

1. A moléstia que teve início em Hong Kong, em fevereiro de 1957, chegou à Europa em novembro e, dali, rapidamente se espalhou mundo afora, dizimando milhares de pessoas nos cinco continentes.

longo do rio foram infrutíferas. Há os que acreditam que por algum motivo desconhecido o pescador tenha caído no rio e seu corpo arrastado pela correnteza para muito longe, fora da jurisdição do nosso município. Porém, notícias que chegaram dos municípios circunvizinhos, os quais também se envolveram nas buscas, deram conta que nenhum vestígio do homem foi encontrado. Moradores do local dizem não terem visto ninguém na região naquele dia específico. Algumas pessoas supõem que, querendo mudar de vida, talvez tenha forjado o próprio desaparecimento. O fato é que, apesar das diversas teorias concebidas, seu sumiço constitui um mistério não esclarecido até este momento.


Fiquei tão impressionado com esse caso que cheguei até mesmo a sonhar com ele. Tive pesadelos terríveis. Sonhei que a pessoa sumida saía da sua tumba para me agarrar. Tinha uma cabeça de cera consumida pelas chamas de uma vela. Será que me contaram essa história numa tentativa de me fazer desistir da pesca?

O dia de hoje promete ser agradável. A chuva cedeu nas primeiras horas da manhã. Saí de casa com o nascer do sol, ainda com o galo cantando, sob o olhar atento da minha mãe, que não escondia sua aflição. Não tomei o desjejum de costume, mesmo diante da sua insistência. Não tinha fome. A ansiedade me tirou o apetite. Trouxe apenas minha vara de pesca, iscas e, numa mochila, uma ceia frugal composta por uma garrafinha com refresco de groselha e um naco de pão com mortadela que me obrigaram trazer.


Até o lago, junto à colina, deveria percorrer em torno de seis quilômetros. Coloquei a minha sacola, com a merenda e os apetrechos de pesca a tiracolo. Peguei meu caniço e parti cantarolando a canção *Rosa*, de Pixinguinha, sempre sob os olhares inescrutáveis dos meus pais, que me observavam do umbral da porta da nossa casa:

“Tu és divina e graciosa, estátua majestosa do amor
Por Deus esculpurada. És formada com ardor
Da alma da mais linda flor de mais ativo olor
Que na vida é preferida pelo beija-flor
Se Deus me fora tão clemente aqui nesse ambiente de luz
Formada numa tela deslumbrante e bela
Teu coração junto ao meu lanceado, pregado e crucificado
Sobre a rósea cruz do arfante peito meu

Tu és a forma ideal, estátua magistral, oh, alma perenal
Do meu primeiro amor, sublime amor
Tu és de Deus a soberana flor
Tu és de Deus a criação
Que em todo coração sepultas um amor
O riso, a fé, a dor em sândalos olentes cheios de sabor
Em vozes tão dolentes como um sonho em flor
És láctea estrela, és mãe da realeza
És tudo enfim que tem de belo
Em todo resplendor da santa natureza



Na escola, eu era chamado de *enfant gâté* (criança mimada) pela professora de francês. Retornava para as aulas, após o recreio, depressivo e cabisbaixo pelas surras impostas por gangues de meninos mais velhos, que se aproveitavam para roubar minha merenda.



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

